

**REVISÃO****VIOLÊNCIA NO PERCURSO AMOROSO E SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES – JOVENS: REVISÃO INTEGRATIVA*****VIOLENT LOVE PATH AND MENTAL HEALTH IN ADOLESCENT – YOUNG: INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW***OHANA CUNHA DO NASCIMENTO<sup>1</sup>, MARIA CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA<sup>2</sup>, ALINE MOERBECK COSTA<sup>3</sup>, BRENDA DO SOCORRO GOMES DA CUNHA<sup>4</sup>

1 - Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

2 - Professora Titular Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

3 - Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Salvador, Bahia, Brasil

4 - Graduada em Enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA), Feira de Santana, Bahia, Brasil

**RESUMO**

A violência entre casais jovens é um grave problema de saúde pública que envolve contextos e sujeitos das mais distintas classes e etnias. Objetivo: discutir, à luz da literatura, a violência no namoro, entre casais jovens, como possível causa ou consequência de distúrbios comportamentais e transtornos mentais. Metodologia: revisão integrativa de literatura, a partir de levantamento retrospectivo e documental das produções científicas publicadas no período de 2006 a 2016, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que comporta bases de dados - Medline, LILACS, Scielo, OMS, OPAS. Utilizaram-se descritores registrados no BVS: “violência entre parceiros íntimos”, “adolescente” e, como filtro, palavras recorrentes nos artigos, como “saúde mental”, “depressão”, “transtornos de ansiedade”, “transtorno de estresse pós-traumático”, “agressão”, “transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas”, cuja seleção de descritores totalizou 10 artigos. Resultados: Os estudos apontaram que a violência entre casais jovens, no namoro, pode ser preditora de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, assim como a presença anterior desses problemas, no(s) sujeito(s) da relação, podem precipitar eventos violentos. Conclusões: a problemática da violência nas relações de namoro de jovens instiga novas pesquisas, principalmente no contexto brasileiro, na perspectiva de instrumentos capazes de identificar e mensurar possíveis relações entre fatores precipitantes e respectivas consequências, visando subsidiar medidas de prevenção e interrupção do ciclo de vitimização-agressão, no presente e futuro.

**Palavras-chave:** Violência no Namoro; Adolescente; Jovem; Saúde Mental.

**ABSTRACT**

Dating violence among young couples is a public health problem involving contexts and subjects of the most distinct classes and ethnicities. Objective: to discuss, in the light of the literature, dating violence among young couples as a possible cause or consequence of behavioral and mental disorders. Methodology: integrative literature review, based on a retrospective and documentary survey of scientific productions published between 2006 and 2016, in the Virtual Health Library (VHL), which includes databases - Medline, LILACS, Scielo, WHO, PAHO. We used descriptors registered in the VHL: “dating violence”, “adolescent” and as filter we used words recurrent in the articles, such as “mental health”, “depression”, “anxiety disorders”, “post-traumatic”, “aggression”, “psychoactive substance use disorders”, whose selection of descriptors totaled 10 articles. Results: Studies show that dating violence among young couples may be a predictor of behavioral and mental disorders, as well as the presence of these problems in the subject(s) of the relationship, may precipitate dating violence. Conclusions: the problem of dating violence in youth relations instigates new research, especially in the Brazilian context, in the perspective of instruments capable of identifying and measuring possible relationships between precipitating factors and their consequences, aiming to subsidize measures of prevention and interruption of the victimization cycle -aggression, in the present and future.

**Keywords:** Dating Violence; Adolescent; Young; Mental Disorder.



## INTRODUÇÃO

No contexto da saúde coletiva, a violência ganha destaque crescente pelo impacto que provoca na qualidade de vida da população, interferindo nos comportamentos interpessoais, rotina e estrutura familiar, com alto custo econômico e social, culminando em consequências negativas, para indivíduos de todas as faixas etárias, etnias e gêneros<sup>1,2</sup>.

Na adolescência e juventude, a vulnerabilidade está ligada à intensa exposição aos mais variados fatores, especialmente aqueles relacionados aos aspectos socioculturais que admitem a banalização da violência, manifestada pelas diferentes formas de agressão interpessoal, nos relacionamentos sociais, amigáveis e afetivos. A experiência de situações violentas no ambiente familiar, na escola ou comunidade criam incertezas e inseguranças de impacto significativo para crianças e jovens, seja a partir de um testemunho ou a real vitimização, com reflexos na manifestação emocional, afetiva, relacional, quanto à percepção do mundo, podendo, conseqüentemente, abalar o desenvolvimento saudável desses indivíduos<sup>3,4</sup>.

Segundo estudiosos, a violência no namoro é definida por atitudes controladoras ou dominadoras que se utilizam de artifícios físicos, psicológicos ou sexuais, tendo por consequência o sofrimento e agravos sérios à saúde física e mental, para parceiros de ambos os sexos, como depressão e transtorno de estresse pós-traumático, além do consumo de substâncias psicoativas. Não se exclui desse tipo de violência, as ocorrências no contexto de relacionamentos menos duradouros, como o “ficar”<sup>5,6,7,8,9</sup>. Nesse contexto, a violência pode ser vista a partir de duas circunstâncias: o indivíduo que domina, agride e desconsidera a liberdade do outro, subjugando a sua possibilidade de questionar, de ser ativo no relacionamento. Por outro lado, encontra-se o indivíduo reprimido, refém das decisões do outro, sendo vítima de um processo cíclico que envolve conseqüências psicológicas graves<sup>10</sup>.

A violência na intimidade pode ser vivenciada desde a pré-adolescência, até a fase adulta, uma vez que se constroem e se estabelecem diversos formatos para os relacionamentos afetivos. Esta temática tem ganhado destaque, a partir da década de 80, onde a expressão “ficar” caracteriza um período de relacionamento que não objetiva compromisso, no entanto envolve beijos, carícias e contatos sexuais<sup>11,12</sup>.

Experiências amorosas e sexuais de jovens se inserem num contexto de busca por autonomia e afirmação da identidade sexual, transcendendo a simples expressão da genitalidade, como também estão condicionadas à presença de um (a) parceiro (a), ao sentimento de pertinência a um contexto social, fatores estes que provocam a sensação de plenitude, companheirismo, afinidades, entre outros sentimentos<sup>3,12</sup>.

A associação entre violência e saúde mental de jovens tem sido foco de alguns estudos, no entanto, a discussão, por vezes, ocorre de maneira fragmentada, com pouco aprofundamento nas causas da violência e discussão sobre as

repercussões psicoemocionais, em especial nos contextos familiares e relacionais infanto-juvenis<sup>3</sup>.

A exposição de jovens às diversas circunstâncias desagradáveis nos seus relacionamentos pode constituir fator preditor de eventos violentos, presentes e futuros, seja pelo baixo controle que possuem sobre a frustração, diante das expectativas; assim como dúvidas em relação à reação do outro às diversas circunstâncias, ou seja, pela sensação de que suas ações não serão punidas. Outra atitude muito observada é a banalização/naturalização da violência nos relacionamentos, como parte de negociações e estratégias, para alcançar um determinado objetivo ou demonstrar poder, na subjugação do outro<sup>13</sup>.

A relevância social em estudar as implicações dos eventos violentos nos relacionamentos amorosos de jovens, para a saúde mental, assim como investigar os antecedentes de comportamentos desajustados e transtornos mentais, como precipitantes dos episódios violentos, pode contribuir para melhor compreensão desses fenômenos e subsidiar medidas de prevenção e intervenção, com vistas a estimular o respeito à individualidade e a reciprocidade de atitudes positivas entre casais.

Este estudo tem como objetivo discutir, à luz da literatura, a violência no namoro, entre casais jovens, como possível causa ou consequência de distúrbios comportamentais e transtornos mentais.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a partir de um levantamento retrospectivo e documental da produção científica, no período de 2006 a 2016, utilizando como manancial os recursos da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que integra inúmeras bases de dados, como Medline, LILACS, Scielo, OMS, OPAS.

A estratégia utilizada para obtenção das publicações teve como eixo norteador os Descritores em Ciências da Saúde (Desc/Biblioteca Virtual de Saúde): “violência entre parceiros íntimos”, “adolescente” e utilizou-se como filtro palavras recorrentes na literatura, como “saúde mental”, “depressão”, “Transtornos de Ansiedade”, “Transtorno de Estresse Pós-Traumático”, “Agressão”, “Transtornos relacionados ao uso de Substâncias”. Para a coleta de dados foram adotados os seguintes critérios de inclusão: pesquisas disponíveis online; trabalhos em língua portuguesa e inglesa publicados no período de 2006 a 2016, com indexação em periódicos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde Pública (BVS).

Foram excluídos da análise os guias médicos, resenhas, artigos de revisão de literatura, comentários, relatórios técnicos e científicos, dissertações, bem como documentos ministeriais e informativos governamentais e outros documentos que não estivessem nos padrões de artigo científico (introdução, método, resultado, discussão e conclusão).

O processo de busca de manuscritos na referida base de dados resultou em 312 textos referentes ao descritor “violência entre parceiros íntimos”. A partir da seleção do filtro

“adolescentes”, reduziu-se a quantidade para 129 artigos; no entanto, ao selecionar os filtros relacionados à saúde mental, supracitados, obteve-se 10 artigos.

Para o mapeamento do conjunto de produções científicas, foram identificadas as seguintes variáveis: Área de conhecimento da revista; Enfoque metodológico ou abordagem do estudo (qualitativos, quantitativos e quali-quantitativos); Tipologia de violência; Sujeitos da pesquisa; Ano de publicação do manuscrito; Tipo de estudo realizado; Relações com a saúde mental: variável que descreve os transtornos mais frequentes entre jovens. Os dados foram organizados em uma ficha documental, com base nas variáveis supracitadas. A busca de artigos, bem como a análise dos resultados e as considerações ocorreram no período compreendido entre março e agosto de 2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os dez (10) artigos selecionados para leitura completa, verificou-se maior prevalência (80%) de publicações internacionais, na língua inglesa. Essa afirmação aponta a escassez da produção científica nacional sobre a temática, evidenciando a necessidade de aprofundamento nas pesquisas que abordem a relação entre eventos violentos em casais jovens e seus impactos na saúde mental, bem como a existência de transtornos mentais precedentes, como fatores de risco para a perpetração ou vitimização nas relações.

O maior número de publicações ocorreu entre 2013 e 2015. As modalidades de violência mais reveladas nos estudos foram violência física e sexual e as metodologias mais utilizadas foram corte transversal e coorte prospectiva.

A associação entre violência e sofrimento mental em casais de adolescentes e adultos jovens tem sido foco de alguns estudos, no entanto, a discussão, por vezes, ocorre de maneira fragmentada, cujas propostas se pautam, frequentemente, nas causas da violência. Vale destacar que pouco se investiga e discute as repercussões psicoemocionais das ações violentas, independente se o indivíduo é agressor ou vítima, em especial nos contextos familiares e amorosos, durante o período de desenvolvimento<sup>3,14,15</sup>.

Analisando o Quadro 1, observa-se o perfil das publicações sobre a temática da violência íntima e saúde mental de adolescentes, ao longo dos últimos dez anos.

A partir da literatura selecionada, segundo os descritores utilizados, são discutidos eventos violentos entre casais jovens e comprometimento da saúde mental (comportamentos desajustados e transtornos mentais), cuja literatura aponta que a violência no namoro pode ser preditora de comprometimento da saúde mental, nas relações atuais e futuras, assim como, pode ser uma consequência, pela presença anterior desses distúrbios e transtornos, em um ou ambos os sujeitos envolvidos no relacionamento. Os artigos selecionados foram reagrupados em três (3) subtemas facilitando a discussão: 1) Fatores preditores da violência no namoro: perpetuação do ciclo de vitimização-agressão; 2) Violência no namoro,

como preditora de comportamentos desajustados e transtornos mentais; 3) Comportamento desajustado e transtorno mental, como preditores da violência no namoro.

### Fatores preditores da violência no namoro: perpetuação do ciclo de vitimização-agressão

A literatura apresentada mostra que no relacionamento amoroso de jovens, o mecanismo que pode dar início ou continuidade ao comportamento de natureza violenta é complexo, cuja compreensão necessita da conexão entre os diversos aspectos do relacionamento.

A violência, como evento estressor na relação de namoro entre adolescentes e jovens, pode ser vivenciada precocemente, até a fase adulta e apresentar diversas formas de interação. Na faixa etária mais precoce, é muito frequente o “ficar”, que se caracteriza pelo relacionamento sem compromisso estável, no entanto envolve beijos, carícias e contatos sexuais. O namoro é um relacionamento mais estável e comprometido, que pode preceder o noivado e matrimônio. A violência que ocorre na amplitude dessas relações, pode se propagar por ciclos de gerações, pois atinge, direta e indiretamente, o indivíduo através das consequências psicológicas, considerando a severidade e as múltiplas facetas. O desenvolvimento emocional, social e moral dos indivíduos que constituem o núcleo familiar recebem as mazelas resultantes dessas agressões às quais estão expostos<sup>11,12,15</sup>.

Diversas razões podem precipitar esses acontecimentos entre pares adolescentes, tais como: insegurança e romantismo exagerado; ciúme e descontrole emocional; inexperiência; entre outros relacionados aos contextos sociais, relacionais e aos diagnósticos/comportamentos pregressos. Estudiosos afirmam que adolescentes encontram-se vulneráveis por diferentes razões, destacando-se a imaturidade psicoeducacional e busca de independência<sup>16,17,18</sup>.

Quanto à influência dos fatores ligados à família, para a violência no namoro, estudos afirmam que a existência de episódios violentos entre os membros desse núcleo se apresenta como fator de risco, sendo considerado preditores da violência conjugal. Nessa perspectiva, a compreensão do processo de transmissão do fenômeno entre as gerações aponta que o jovem que conviveu no ambiente doméstico-familiar violento está propenso à sua reprodução, como perpetrador ou como vítima (Ciclo intergeracional da violência)<sup>19</sup>.

Nessa perspectiva, os artigos 2 e 8 tratam da ocorrência de circunstâncias violentas pregressas, nos diversos contextos relacionais, como causas subjacentes para que a violência íntima possa ser perpetrada ou sofrida na adolescência. O artigo 2 afirma que a transmissão intergeracional da violência ocorre quando se expõe o sujeito, em momentos precoces, à situações violentas, colocando como um importante mediador o controle emocional, que pode estar condicionado a fatores situacionais (satisfação no relacionamento, estresse, consumo de álcool) e fatores secundários (agressão interparental, abuso infantil e/ou agressão precoce)<sup>20</sup>.

Quadro 1. Distribuição da literatura encontrada que relaciona violência no percurso amoroso de jovens e a saúde mental

N	ANO	AUTORES	REVISTA	METODOLOGIA E SUJEITOS DA PESQUISA	RELAÇÃO VIOLÊNCIA E SAÚDE MENTAL	VARIÁVEIS ESTUDADAS
1	2008	Wolitzky-Taylor KB, Ruggiero KJ, Danielson CK, Resnick HS, Hanson RF, Smith DW, Saunders BE, Kilpatrick DG	Journal Academic Child Adol Psychiatry	Estudo de corte transversal com 3614 jovens americanos na faixa etária de 12 a 17 anos.	Violência como precursora de comportamentos desajustados.	Violência íntima; Consumo de Substâncias Psicoativas; Eventos estressores; Estresse pós-traumático; Depressão.
2	2010	Clarey A, Hokoda A, Ulloa EC	J Fam Viol	Estudo de corte transversal com 204 adolescentes de 15 a 18 anos no México.	Violência interpessoal na infância como causalidade de Violência no namoro atual, mediada pelo controle da raiva.	Violências; Controle da raiva; Aceitação da violência; Violência no namoro.
3	2012	Cisler JN, Begle AM, Amstadter AB, Resnick HS, Danielson CK, Saunders BE, Kilpatrick DG	Journal of Traumatic Stress	Estudo de coorte com adolescentes entre 12 e 17 anos em três ondas, totalizando cerca de 6000 respondentes.	Exposição à Violência entre parceiros íntimos como fator de risco para comportamentos desajustados.	Violência íntima; Depressão; Delinquência; Sintomas de estresse pós-traumático; Uso problemático de álcool.
4	2013	Exner - Cortens D, Ecken Rode J, Roth Man E	Pediatrics	Estudo de coorte prospectiva do Nacional com 5.681 adolescentes americanos entre 12 a 18 anos.	Exposição à Violência entre parceiros íntimos como fator de risco para comportamentos desajustados.	Sexo, idade, raça/etnia, status socioeconômico; Relações românticas e sexuais; Experiência como vítimas de violência no relacionamento; Depressão, gênero autoestima, suicídio, uso de SPA e comportamento delinquente.
5	2013	Pierobson M, Barak M, Hazrati S, Jacobsen KH	Pediatría	Estudo de corte transversal com 1.328 adolescentes argentinos entre 13 e 15 anos.	O consumo do álcool como fator de risco para atitudes violentas.	Consumo de bebidas alcoólicas; Violência; Saúde Mental (insônia, solidão, ansiedade, tristeza, falta de esperança, consumo de drogas e envolvimento dos pais).
6	2014	Jouriles EM, Garrido E, Rosenfield D, McDonald R	Child Abuse Neglect	Estudo longitudinal retrospectivo com 125 adolescentes americanos.	Exposição à Violência entre parceiros íntimos como fator de risco para comportamentos desajustados.	Repercussões emocionais (estresse, ansiedade); Tipos de violências (física e psicológica).
7	2014	Johnson WL, Giordano PC, Longmore MA, Manning WD	Journal of Health and Social Behavior	Estudo longitudinal prospectivo em 4 ondas com 1.007 estudantes adolescentes e adultos jovens entre 12 e 24 anos.	Como as experiências familiares progressas influenciam no comportamento delinquente em relacionamentos na juventude.	Sintomas depressivos; Violência íntima; Contexto de relacionamento (não amoroso, namorados, co-habitantes, casados, relacionamento ocasional); Dados sociodemográficos.
8	2014	Oliveira QBM, Assis SG, Njaine JK, Pires TO	Ciência e Saúde Coletiva	Estudo de corte transversal com 3.205 adolescentes entre 15 a 19 anos em dez capitais brasileiras.	Violência psicológica no relacionamento íntimo e a relação com relacionamentos progressos.	Violência psicológica; Sexo; Idade; Violência familiar; Comportamentos agressivos.
9	2015	Reyes HLM, Foshee VA, Tharp AT, Ennet TST, Baner DJ	American Journal of Preventive Medicines	Estudo de coorte prospectiva com 3.343 adolescentes.	Uso de substâncias psicoativas como fator de risco para a perpetração da Violência íntima, levando em consideração fatores contextuais.	Violência íntima; Uso de substâncias; Identificação de amizades; Apoio familiar.
10	2015	McAuley HL, Breslau JA, Saito N, Milker E	Soc. Psychiatry Epidemial	Estudo de corte transversal com sujeitos americanos acima de 18 anos sobre as relações afetivas antes de 21 anos.	Associação e possibilidade de bidirecionalidade entre transtornos psiquiátricos e violência íntima.	Violência íntima; Diagnóstico psiquiátrico; Adversidade na infância; Características sociodemográficas.

Segundo a literatura, a violência no namoro pode estar relacionada às questões de gênero e, dessa forma, sustentando-se numa configuração de poder que pode ocasionar dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico<sup>21,22</sup>.

O artigo 8 refere-se a um estudo multicêntrico com 3.205 adolescentes em dez capitais brasileiras, que aborda a violência psicológica na relação de namoro atual, onde foi verificado que, a maior prevalência de perpetração psicológica no relacionamento atual foi cometida pelo sexo feminino, contra seus respectivos parceiros, na presença de exposição pregressa à situações de violência nos relacionamentos com familiares, amigos e ex-namorados, cerca de 54% da amostra<sup>23</sup>.

Dentre as violências sofridas e perpetradas entre casais jovens, pesquisadores destacam a violência psicológica, que se considera um forte preditor da violência física, muito embora seja a que receba menos atenção por familiares, profissionais e inclusive pelos jovens que, em sua maioria, não identificam como atos violentos as diversificadas condutas e discursos violentos entre parceiros. O consenso aponta que esses aspectos subestimam a real prevalência da violência psicológica nas relações de namoro, considerando a magnitude dessa violência<sup>24,25</sup>.

Não há um consenso global entre estudiosos, para explicar o ciclo de vitimização-agressão, considerando a interferência de múltiplas variáveis individuais, familiares e sociais sobre o comportamento do indivíduo. Investigações realizadas a partir dos anos de 1960 apontaram que o abuso e o trauma na infância podem aumentar, significativamente, o risco dos mesmos se envolver em crimes e violência, no curso da vida, onde os abusados sexuais são, em particular, propensos a se tornar autores de crimes sexuais<sup>26,27,28</sup>. Achados de estudos retrospectivos indicam que 70% ou mais de agressores sexuais revelaram um histórico de abuso sexual infantil<sup>29,30,31</sup>.

Na atualidade, estudos têm revelado que uma grande parcela dos jovens vivencia relações violentas, experimentando as mais variadas formas de abusos (físico, psicológico, sexual, etc). Os índices são alarmantes, indicando que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro já vivenciaram algum tipo de violência na intimidade (prevendo-se ainda que a violência entre adultos jovens alcança índices mais elevados, de 21,8% à 55%). Vale salientar que a amplitude e gravidade desse fenômeno detectado entre casais jovens, em décadas passadas, eram constatadas apenas nas relações maritais<sup>32</sup>.

### **Violência no namoro, como preditora de comportamentos desajustados e transtornos mentais**

Dentre os dez estudos elencados, seis abordam a violência como fator de risco para a ocorrência de comportamentos desajustados e/ou transtornos mentais.

Os artigos 4 e 7 apontam que, para o indivíduo do sexo feminino, a exposição à violência física e psicológica nos relacionamentos apresenta associação positiva com maior sintomatologia depressiva, chance de ideação suicida e

tabagismo. Esses estudos afirmam que, embora a vitimização possa causar efeitos duradouros, os acontecimentos mais recentes atuam mais fortemente sobre os sintomas depressivos vivenciados, no momento<sup>33,34</sup>.

Vale sinalizar que o artigo 10 aborda a bidirecionalidade da violência e transtornos mentais de base, como causa da agressão nos relacionamentos de namoro, bem como a violência como causa dos transtornos mentais, afirmando que são necessários diversos pareamentos de variáveis e estudos prospectivos para que se torne possível a verificação de ordem causal, no entanto eles sinalizam que o fato de sofrer a violência psicológica é um importante preditor de estresse psicológico<sup>35</sup>.

O artigo 3 trata de pesquisa, realizada nos Estados Unidos, com cerca de 6.000 adolescentes, na faixa etária de 12-17 anos, a partir de uma coorte prospectiva, evidenciou que a prevalência de exposição à violência íntima entre parceiros foi em torno de 55% nas três ondas da coorte. Ressalta-se que a prevalência de pelo menos um ato violento foi de 10%, pelo menos um sintoma de depressão foi de 40%, e de pelo menos um sintoma de estresse pós-traumático, foi de 42%. Apesar de ocorrer certa constância nas prevalências das três ondas do estudo, observou-se que os sintomas de depressão e estresse pós-traumático entre adolescentes que sofreram com a violência, apresentam magnitude de cerca de 50% de todos os sujeitos estudados<sup>36</sup>.

Estudiosos afirmam que a exposição contínua à violência íntima soma-se como fator de risco generalizado, para o desenvolvimento de transtornos ou problemas comportamentais, já que contribui significativamente para o aparecimento dos sintomas de estresse pós-traumático, depressão, delinquência e consumo de álcool<sup>37</sup>.

O artigo 1 mostra resultados de um estudo com 3.614 jovens americanos, na faixa etária de 12 a 17 anos, identificou alguns fatores de risco relacionados à violência íntima, como ter experienciado momentos de vida estressores, ser do sexo feminino, em idades mais avançadas. A ocorrência da violência íntima foi significativamente associada à presença posterior de estresse pós-traumático e transtorno depressivo maior<sup>38</sup>.

O artigo 6 concorda quando coloca que a situação de exposição à violência íntima é capaz de provocar repercussões psicoemocionais, como depressão, estresse entre outras alterações de comportamento<sup>39</sup>.

Corroborando com esses achados, outros estudiosos afirmam que as sequelas mais comuns apresentadas por jovens vítimas, no namoro, são medo, ansiedade, sobressalto, gerando sentimentos depressivos, baixa autoestima, pânico, além de sintomas clínicos, como cefaleia, indisposições, entre outros sintomas que podem precipitar doenças mentais e emocionais, além da possibilidade de internalização de determinadas práticas violentas, como normativas, favorecendo a permanência do ciclo de vitimização – agressão em suas relações futuras. Como forma de evadir-se da angústia e sofrimento causado pelo abuso na intimidade, (físico e/ou emocional) jovens podem ficar susceptíveis

ao consumo abusivo de álcool e outras drogas, além de desenvolver sentimentos de culpa e constrangimento, como fator de manutenção da relação abusiva<sup>40,5</sup>.

As consequências da violência no namoro são preocupantes, considerando que os danos sofridos ou perpetrados nas relações podem manter-se e agravar-se, na fase adulta. Sendo a juventude uma fase de transição, formação da personalidade, e busca de sentidos, o jovem, nas suas relações afetivo-amorosas, pode interiorizar como normativos comportamentos e atitudes abusivas, na condição de vítima ou de agressor, nas relações de namoro atual e no acasalamento futuro<sup>41,42,43,44</sup>.

### Comportamentos desajustados e transtornos mentais como preditores de violência no namoro

Os problemas de comportamento podem estar relacionados ao futuro diagnóstico dos transtornos mentais mais frequentes. (KOEN et al., 2016) Embora não exista um consenso na literatura, a definição dos problemas comportamentais engloba padrões sintomáticos, onde o indivíduo, diante da dificuldade em lidar com seus relacionamentos, torna-se inadaptado, sendo então identificado como pouco competente socialmente e cujo comportamento se configura como desajustado. Esses problemas são agrupados em duas grandes categorias: 1) “problemas de externalização” ou “pouco controle” sobre as emoções, pensamentos e comportamentos; 2) “problemas de internalização” ou “controle excessivo”, sob a forma de retraimento social, inibição, depressão ou variadas formas de ansiedade. Tais comportamentos podem trazer consequências imediatas para o próprio sujeito, limitando experiências sociais e, consequentemente, dificultando o ajustamento psicológico e social<sup>45,46 47,48,49</sup>.

As pesquisas apresentadas nos artigos 3 e 5 concordam, quando afirmam que adolescentes que apresentam esses transtornos comportamentais estão mais vulneráveis ao envolvimento em eventos violentos, nos seus relacionamentos amorosos e afetivos. Segundo pesquisadores, os motivos pelos quais os mesmos se tornam vítimas ou agressores podem ser únicos ou múltiplos, variando entre a reprodução dos atos violentos a que foram expostos, no contexto familiar, ou outros desajustamentos ocasionados por crises adaptativas, transtornos mentais subjacentes, consumo de substâncias psicoativas, entre outros aspectos<sup>50,51</sup>.

Estudiosos relatam que sob uma abordagem clínica, verifica-se que é mais frequente um fenômeno psicopatológico entre indivíduos agressores, comparado aos não agressores, levando-se em consideração a existência dos mediadores psicossociais, como estresse pós-traumático, abuso de substâncias e depressão, uma vez que também se observa que a presença de problemas relacionados à saúde mental podem tornar indivíduos propensos ao envolvimento em relacionamentos violentos, seja como vítimas ou agressores<sup>52,53</sup>.

Os artigos 9 e 10 apontam que a relação entre o uso de substâncias psicoativas e a violência no namoro é socialmente determinada, levando-se em consideração o contexto social

em que o adolescente se insere e aplica as suas dinâmicas de relacionamento. Ainda em relação aos comportamentos problemáticos identificados entre adolescentes, pesquisadores afirmam que, entre as desordens internalizantes, as fobias (social e específica) são mais comuns nos sujeitos no início de relacionamentos. O comportamento externalizante mais comum, no sexo feminino, é o opositivo desafiador; e no sexo masculino, a desordem de explosão intermitente, déficit de atenção, hiperatividade e transtorno de conduta<sup>35,52,54</sup>.

A literatura analisada para a realização da revisão integrativa sinaliza aspectos relacionados à saúde mental que se associam (seja como causa ou desfecho) aos eventos violentos no percurso amoroso (Tabela 1). Verificou-se que, entre esses fatores destacaram-se o consumo de substâncias psicoativas (22,7%), depressão (22,7%) e estresse pós-traumático (18,2%).

**Tabela 1.** Relação saúde mental e eventos de violência amorosa entre adolescentes

Problemas de Saúde Mental	N (frequência do agravo nos artigos)	%
<b>Consumo de Substâncias Psicoativas</b>	10	22,7
<b>Estresse Pós-Traumático</b>	4	18,2
<b>Depressão</b>	5	22,7
<b>Ansiedade</b>	2	9,1
<b>Auto-estima</b>	1	4,5
<b>Agressividade</b>	2	9,1
<b>Delinquência</b>	2	9,1
<b>Suicídio</b>	1	4,5
<b>Total</b>	22	100,0

Concluída a discussão dos principais aspectos abordados pela literatura, referente ao construto em estudo, cabe abordar teorias que buscam explicar a integração do indivíduo com o seu meio social.

As teorias de Bronfenbrenner e Morris<sup>55</sup> propõem, a partir do modelo ecológico, uma noção conceitual e estrutural das dimensões da vulnerabilidade do adolescente.

O modelo de Bronfenbrenner utiliza um contexto multidirecional, no qual quatro aspectos são referências fundamentais para o entendimento da dinâmica da vulnerabilidade: a pessoa; o processo; o contexto; e o tempo. Tais aspectos são exemplificados da seguinte forma: o primeiro é representado pela face individual, a pessoa, no qual se identificam os fatores intrínsecos e biológicos, ou seja, as características de sua existência, como convicções, nível de atividades, temperamentos, metas e motivações; o segundo nível, o processo, avalia as relações com familiares, amigos, relações íntimas e explora como essas aumentam o risco de ser vítima ou perpetrador; o terceiro nível (contexto) visualiza a comunidade, no seu âmbito social, escolas, lugares vizinhos (bairros); o quarto nível é o social/ tempo, formado por conjunto de fatores que encorajam ou inibem atitudes violentas<sup>1,56</sup>.

A Teoria do Pensamento Complexo, de Edgar Morin, apresenta a relativização da causa e efeito e como ambos interferem-se, mutuamente, trazendo à tona a noção de pertinência e conteúdo, à dinâmica do sistema do indivíduo, bem como da sua lógica de construção social, tendo como ponto de referência as experiências e como essas interferem na sua forma de lidar com o mundo, tornando-se um importante ponto de partida para a compreensão deste fenômeno que se mostra tão dinâmico.

Essas teorias contribuem para integrar conhecimentos sobre a dinâmica intervencionista dos fatores inatos e adquiridos para a saúde mental do indivíduo, formando uma rede complexa de causa e efeito que pode ser estudada sob diversas perspectivas. Vale salientar que, no nível familiar, diversas condições se impõem como eventos estressores, como saúde mental materna, diretamente relacionada com a resposta da criança e adolescente, exposição às circunstâncias estressoras pelos pais, bem como estilos de vida e violência conjugal. No nível comunitário, a violência tem sido apontada como agente estressor, bem como o baixo nível socioeconômico, altas taxas de crimes e tráfico de drogas<sup>57</sup>.

## CONCLUSÃO

A violência no namoro vem suscitando novas investigações, considerando a necessidade de aprofundamento sobre as múltiplas facetas desse fenômeno. Os achados dessas e de outras pesquisas apontam diversos pontos de partida, para que se analise a violência, como desfecho ou causa de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, levando-se em consideração as consequências e sequelas, a pequeno e médio prazo.

Conforme alguns estudos, a violência no percurso de namoro de jovens pode ter impacto negativo, para a saúde mental, no entanto, outras pesquisas apontam que transtornos e distúrbios pregressos do indivíduo, pode influenciar a ocorrência da violência interpessoal, na condição de vítima ou agressor, com comprometimento subsequente da saúde mental mútua.

As configurações metodológicas e epidemiológicas estruturadas, para apresentar os dados da literatura investigada, não definem nexos causais. No entanto, os estudos apresentados nesta revisão mostram possível bidirecionalidade entre os construtos estudados – violência no namoro e comprometimento da saúde mental, em que os atos violentos podem ser preditores de distúrbios comportamentais e transtornos mentais, assim como, a relação inversa, onde a presença anterior desses distúrbios comportamental/mental em um ou ambos os parceiros, pode ser preditor de atos violentos, no casal.

Esses achados instigam novas estratégias de pesquisa, para mensuração do construto, como aperfeiçoamento do rigor metodológico, uma vez que a subjacência de transtorno pode funcionar como preditor de diversas circunstâncias implicadas.

Esta revisão evidencia carência de estudos que possam elucidar esta perspectiva e corrobora com a ideia de novas pesquisas nesta área, principalmente no contexto brasileiro, buscando subsidiar estratégias de prevenção e intervenção para interromper o ciclo de vitimização-agressão, nos relacionamentos atuais e futuros de jovens.

## REFERÊNCIAS

1. WHO. **World Report on Violence and health**: summary. Geneva: World Health Organization; 2002.
2. Minayo MCS. Violência: um velho-novo desafio para a Atenção à Saúde. **Rev. bras. educ. med.** 2005; 29(1): 55-63.
3. Assis SG. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. **Ciênc. saúde coletiva** 2009; 14(2): 349-361.
4. Zanatta EA. **Compreensões de jovens universitários sobre a violência: sob o olhar da corporeidade, da vulnerabilidade e do cuidado**. Porto Alegre; 2013. [Doutorado Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
5. Caridade S, Machado, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação a perpetração. **Análise psicológica** 2006; 24(4): 485-493.
6. Cornelius TL, Resseguie N. Primary and secondary prevention programs for dating violence: A review of the literature. **Aggress and Violent Behav** 2007; 12:364-375.
7. Anacona CA. Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. **Avances en Psicología Latinoamericana** 2008; 26: 227-241.
8. OMS. OPS. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher**: ação e produção de evidência. OMS; 2012.
9. Randle A, Graham C. A Review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. **Psychol Men Masc** 2011; 12: 97-111.
10. Oliveira DC. **O atendimento a envolvidos em violência**: concepções de psicólogos sobre gênero e violência conjugal. Espírito Santo; 2005. [Mestrado Dissertação – Universidade Federal do Espírito Santo].
11. Lavoie F, Robitaille L, Hebert M. Teen dating relationships and aggression an exploratory study. **Violence against women** 2000; 6(1): 6-36.
12. Ribeiro FML. Entre o ‘ficar’ e o ‘namorar’: relações afetivo-sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. **Amor e Violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 2011.
13. Silva AG, Moraes CL, Reichenheim ME. Violência física entre parceiros íntimos: um obstáculo ao início do acompanhamento

- da criança em unidades básicas de saúde do Rio de Janeiro, Brasil? *Cad. Saúde Pública* 2012; 28: 1359-1370.
14. Gava LL, Da Silva DG, Dell'aglio DD. Sintomas e quadros psicopatológicos identificados nas perícias em situações de abuso sexual infanto-juvenil. *Psico* 2013; 44 (2): 1175-89.
15. Antoni C, Koller SH. Perfil da violência em famílias com história de abuso físico. In: Habigzang LF, Koller SH (Orgs). *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática*. Porto Alegre: Artmed; 2012. p. 43-54.
16. Callahan MR, Tolman R, Saunders DG. Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *J. Adolesc. Res.* 2003; 18(6): 664-681.
17. Matos M, Machado C, Caridade S, Silva MJ. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicol. teor. prat.* 2006; 8(1): 55-75.
18. Ferreira, MJS. **A violência no namoro: estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência**. Braga; 2011. [Doutorado Tese—Universidade do Minho].
19. Cunha, OCS. **Perpetradores de violência em relações de intimidade: da caracterização à intervenção**. Braga; 2014. [Doutorado Tese – Universidade do Minho].
20. Clarey A, Hokoda A, Ulloa EC. Anger control and acceptance of violence as mediators in the relationship between exposure to interparental conflict and dating violence perpetration in Mexican adolescents. *Journal of family violence* 2010; 25(7): 619-625.
21. Pick S, Levin G. Differential impact of juvenile stress and corticosterone in juvenility and in adulthood, in male and female rats. *Behav Brain Res* 2010; 214(2): 268-276.
22. Oliveira M, Sani A. Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In: Bento Silva e Leandro Almeida (Coords). *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação; 2005.
23. Oliveira QBM, Assis SG, Njaine K, Pires TO. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciênc. saúde coletiva* 2014; 19(3): 707-718.
24. Walker LE. **The Battered Woman Syndrome**. New York: Springer; 1984.
25. Roberts AR. **Handbook of domestic violence intervention strategies: policies, programs, and legal remedies**. Oxford University Press; 2002.
26. Curtis GC. Violence breeds violence—perhaps? *Am J Psychiatry* 1963; 120(4): 386-387.
27. Dutton DG, Hart SD. Risk markers for family violence in a federally incarcerated population. *Int J Law Psychiatry* 1992; 15(1): 101-112.
28. Widom CS. The cycle of violence. *Science* 1989; 244(4901): 160-166.
29. Dhawan S, Marshall WL. Sexual abuse histories of sexual offenders. *Sex Abuse* 1996; 8(1): 7-15.
30. Zlotnick C, Johnson DM, Kohn R. Intimate partner violence and long-term psychosocial functioning in a national sample of American women. *J Interpers Violence* 2006; 21(2): 262-275.
31. Worling JR. Sexual abuse histories of adolescent male sex offenders: Differences on the basis of the age and gender of their victims. *J. Abnor. Psychol* 1995; 104(4): 610.
32. Newman E, Christopher SR, Berry JO. Developmental disabilities, trauma exposure, and post-traumatic stress disorder. *Trauma Violence Abuse* 2000; 1(2) 154-170.
33. Exner-Cortens AD, Eckenrode J. Longitudinal Associations Between Teen Dating Violence Victimization and Adverse Health Outcomes. *Pediatrics* 2013; 131(1): 71–78.
34. Johnson WL, Giordano PC, Longmore MA, Manning WD. Intimate Partner Violence and Depressive Symptoms during Adolescence and Young Adulthood. *J Health Soc Behav.* 2014; 55(1): 39-55.
35. McCauley HL, Breslau JA, Saito N, Miller E. Psychiatric disorders prior to dating initiation and physical dating violence before age 21: findings from the National Comorbidity Survey Replication (NCS-R). *Soc. Psychiatry Psychiatr Epidemiol.* 2015; 50(9): 1357–1365.
36. Cisler, JM. Angela M. Begle AM, Amstadter AB, Resnick HS, Danielson CK, Saunders BE, Kilpatrick DG. Exposure to Interpersonal Violence and Risk for PTSD, Depression, Delinquency and Binge Drinking Among Adolescents: Data From the NSA-R. *Traumatic Stress* 2012; 25(1): 33–40.
37. Ackard, DM. Eisenberg, ME. Neumark-Sztainer, D. Long-term impact of adolescent dating violence on the behavioral and psychological health of male and female youth. *Pediatrics* 2007; 151(5): 476–481.
38. Wolitzky-Taylor KB, Ruggiero KJ, Danielson CK, Resnick HS, Hanson RF, Smith DW, Saunders BE, Kilpatrick DG. Prevalence and correlates of dating violence in a national sample of adolescents. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry* 2008; 47(7): 755-762.
39. Jouriles EN, Garrido E, Rosenfield D, McDonald R. Experiences of psychological and physical aggression in adolescent romantic relationships: Links to psychological distress. *Child Abuse Negl* 2009; 33(7): 451-460
40. Barroso CS, Peters Jr RJ, Kelder s, Conroy J, Murray N, Orpinas P. Youth exposure to community violence: Association with aggression, victimization, and risk behaviors. *J Aggress Maltreat Trauma* 2008; 17(2): 141-155.
41. Barcinski M. Expressões da homossexualidade feminina

- no encarceramento: o significado de se “transformar em homem” na prisão. **Psico-USF** (Bragança Paulista) 2012; 17(3): 437-446.
42. Caridade S, Machado C. Violência na intimidade juvenil: prevalência, factores de risco e atitudes. In: Machado C. **Novas formas de vitimação criminal**. Braga: Psiquilibrios; 2010. p. 13-59.
43. Leitão M. Violência nas Relações de Intimidade. In: Leitão M. **Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im) perfeito** - Fazer diferente para fazer a diferença, vol. 5, 23-42. Coimbra: Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde, 2013.
44. Prado Soma SM, Williams LCA. Livros Infantis para Prevenção do Abuso Sexual Infantil: uma revisão de estudos. **Temas psicol.** 2014; 22(2): 353-361.
45. Achenbach TM, Edelbrock C. The classification of child psychopathology: a review and analysis of empirical efforts. *Psychological Bulletin* 1978; 85: 1275-1301.
46. Cicchetti D. Developmental psychopathology: some thoughts on its evolution. **Dev. Psychopathol.** 1989; 1(1) 1-4.
47. Sroufe LA, Rutter M. The domain of developmental psychopathology. **Child Dev.** 1984; 55(1): 17-29.
48. Aunola K, Nurmi JE. The role of parenting styles in children's problem behavior. **Child Dev.** 2005; 76(6): 1144-1159.
49. Borsa JC, Nunes MLT. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento** 2011; 29(64): 31-39.
50. Pierobon M, Barak M, Hazrati S, Jacobsen KH. Alcohol consumption and violence among Argentine adolescents. **J. Pediatr** (Rio J) 2013; 89(1): 100-106.
51. Finkel EJ, Eckhardt CI. Intimate partner violence. In: Simpson J, Campbell L. **The Oxford handbook of close relationships**. Oxford: Oxford University Press; 2013. p. 452-474.
52. Lucenko BA, Sharkova IV, Huber A, Jemelka R, Mancuso D. Childhood adversity and behavioral health outcomes for youth: An investigation using state administrative data. **Child Abuse Negl** 2015; 47: 48-58.
53. McLaughlin KA, Green JG, Gruber MJ, Sampson NA, Zaslavsky AM, Kessler RC. Childhood adversities and first onset of psychiatric disorders in a national sample of US adolescents. **Arc Gen Psychiatry** 2012; 69(11): 1151-1160.
54. Reyes HLM, Foshee VA, Tharp AT, Ennett ST, Bauer DJ. Substance Use and Physical Dating Violence. **A J Prev Med** 2015; 49(3): 467-475.
55. Bronfenbrenner U, Morris PA. The ecology of developmental processes. In: W. Damon (Series Ed.), R. M. Lerner (Vol. Ed.). **Handbook of child psychology**, v. 1. Theoretical models of human development. New York: John Wiley; 1998. p. 993-1028.
56. Martins E, Szymanski H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** 2004; 4(1): 63-77.
57. Yonas MA, Lange NE, Celedon JC. Psychosocial stress and asthma morbidity. Current opinion in allergy and clinical immunology. **Curr Opin Allergy Clin Immunol** 2012; 12(2): 202-10.

---

*Endereço para correspondência:*

Maria Conceição Oliveira Costa  
Avenida Euclides da Cunha nº 475, Apto 1602  
Bairro Graça, CEP 40.150-120 - Salvador-BA  
E-mail: oliveiramco69@gmail.com